Enoch Arden

festival dos Capuchos
ALMADA PORTUGAL 2026

FLÁVIO GIL Narração
NUNO VIEIRA DE ALMEIDA Piano

PROGRAMA

Richard Strauss (1864–1949)
Enoch Arden
Melodrama para narrador e piano, sobre poema de Tennyson

TEXTO

*Poema de **Alfred Tennyson***
*Tradução de **Vítor Moura***

Longas linhas quebradas de colinas deixaram um abismo;
E no abismo estão a espuma e a areia amarelada;
Mais além, telhados vermelhos em torno de um cais estreito,
Como um cacho; depois, as ruínas de uma igreja; mais acima
Uma rua comprida sobe até à alta torre de um moinho;
E altaneira no céu por detrás, uma encosta cinzenta
Com dólmenes dinamarqueses; e uma avelaneira,
Assombrada de fruto no Outono, que floresce
Verde na concavidade em cálice da colina.

Aqui, nesta praia, há cem anos atrás,
Três crianças de três casas, Annie Lee,
A mais bonita cachopa do porto,
E Philip Ray, o filho único do moleiro,
E Enoch Arden, filho de um bravo marinheiro
Tornado órfão por um naufrágio de Inverno, brincavam
Por entre os destroços e o lenho da baía,
[fortes rolos de cordame, escuras redes,
Âncoras de ferro enferrujado, e barcos ao alto;
Construíam os seus castelos de areia fina
Para os verem inundados, ou seguirem
Levados pela branca arrebentação das ondas,
a pegada diária diariamente apagada.]

Uma gruta estreita entrava sob a colina;
Aqui brincavam as crianças às casinhas.
Enoch era o pai num dia, Philip no outro,
Enquanto Annie era sempre a senhorinha; mas por vezes
Enoch mantinha a posse por uma semana:
«Esta é a minha casa e esta a minha mulherzinha.»
«E minha também» dizia Philip «sempre, sempre à vez!»
Quando brigavam, Enoch, mais robusto,
era o vencedor: e então Philip, os seus olhos azuis
Todos inundados com a desamparada raiva das lágrimas,
Gemia: «Odeio-te, Enoch!», e nisto
Chorava também a menina
E pedia-lhes para não lutarem por sua causa,
E dizia que seria a mulherzinha dos dois.

Mas quando a alvorada rósea da infância passou,
E o calor novo do sol nascente da vida
Foi pelos dois sentido, os dois fixaram o coração
naquela rapariga; e Enoch confessou o seu amor
Enquanto Philip amava em silêncio; e a rapariga
Parecia mais amável com Philip do que com o outro,
Embora amasse Enoch, não o sabendo,
e podendo, se questionada, negá-lo. Enoch tomou
Como tarefa principal a seus olhos
Preservar ao máximo todas as poupanças,
Para comprar o seu próprio barco, e fazer uma casa
Para Annie: e assim prosperou de tal maneira
que não havia outro pescador mais afortunado ou mais audaz,
Mais cauteloso com o perigo, respirando
Nas léguas daquela batida e árdua costa
Para além de Enoch. [Do mesmo modo, serviu um ano
a bordo de um mercador, e fez-se
Um marinheiro completo; e por três vezes havia
resgatado uma vida
ao tenebroso turbilhão das correntes descendentes:
E todos os homens o olhavam com apreço:]
E assim que tocou no seu vigésimo primeiro Maio
Comprou o seu barco, e fez uma casa
Para Annie, asseada e como um ninho, a meio
Da rua estreita que subia até ao moinho.

Então, num entardecer dourado de Outono,
Folgando a gente moça,
Com sacos e sacas e cestos; grandes e pequenos,
Foram-se às avelãs. Philip
(Estando o seu pai doente e precisando dele)
Atrasou-se uma hora; e quando acabou de subir a colina,
Justamente onde a beira inclinada do bosque começa
A descida para a ravina, viu o par,
Enoch e Annie, sentados de mão na mão,
Dele, os grandes olhos cinzentos e a face batida pelos ventos,
Todos tomados por um fogo calmo e sagrado,
Que ardia como num altar. Philip olhou,
E naqueles olhos e faces leu a sua perdição;
Então, enquanto os rostos de ambos se aproximavam, suspirou,
E retirou-se, e como uma alma ferida
Galgou a descida para as ravinas do bosque;
Aí, enquanto os outros gritavam a sua alegria,
Ele viveu a mais negra das suas horas, que se ergueu e passou,
Deixando a fome de toda uma vida no seu coração.

Foi assim que os outros dois se casaram, e contentes soaram os sinos,
E contentes correram os anos, sete anos felizes,
Sete anos de saúde e prosperidade,
Amor mútuo e honrada labuta;
Com crianças. Primeiro uma filha. Nele acordando,
Com o primeiro grito do primeiro rebento, o nobre desejo

De poupar ao máximo aquilo que ganhava,
E dar à sua filha uma melhor infância
Do que a dele tinha sido, ou a dela; um desejo renovado,
Quando após dois anos chegou um rapaz que seria
O ídolo rosado das solidões de Annie,
Quando Enoch estava fora por mares irados,
Ou nas muitas jornadas pelo interior;
[pois na verdade
O cavalo branco de Enoch, e a arca de mar de Enoch
De salgueiro com cheiro a mar, e o seu rosto,
Rudemente encarnado por cem temporais de Inverno,
Não eram apenas conhecidos no pelourinho do mercado,
Mas nas veredas frondosas por detrás da encosta,
Tão longe como a cria de leão que guarda os portões,
E a árvore de teixo em pavão do casarão solitário,
Cuja sexta-feira fazia o mister de Enoch.]

Então veio uma mudança, como todas as humanas
coisas mudam.
Dez milhas a norte daquele estreito cais,
Abriu um mais largo porto: aí costumava
Enoch ir por vezes, por terra ou por mar;
E foi uma vez aí, ao trepar a um mastro
No cais, que por má sorte escorregou e caiu:
Um membro partiu-se quando o ergueram;
E enquanto aí ele jazia em recuperação, a sua mulher
Deu-lhe um outro filho, um filho doente:
Uma outra mão chegou-se ao seu labor
Tirando dela o pão e deles: e sobre ele caiu,
Ele, um homem grave e temente a Deus,
Porém jazendo assim inactivo, a dúvida e o torpor.
E pareceu-lhe, como num pesadelo nocturno,
Ver seus filhos com vidas cada vez mais
Baixas e miseráveis, de barriga vazia,
E ela, a quem ele amava, uma pedinte: então rezou
«Salva-os disto, seja o que for que me aconteça.»
E enquanto rezava, o mestre do navio onde Enoch servira,
sabendo do seu infortúnio,
Veio ter com ele, pois conhecia o homem e apreciava-o,
Anunciando que o navio viajaria até à China,
Nele faltando ainda um marinheiro. Ele iria?
Faltavam ainda, porém, muitas semanas até que pudessem
soltar as velas,
Partindo deste porto. Enoch queria o lugar?
E Enoch de imediato aceitou,
Regozijando-se com aquela resposta à sua prece.

Aquela sombra de infortúnio aparecia agora
Tão grave como quando uma nuvenzinha
Surpreende a feérica estrada do sol,
E cria uma ilha de sombra no mar largo: Mas, e a mulher,
Quando se tiver ido – e as crianças – que fazer?
Então, Enoch quedou-se pensativo sobre os seus planos;
Vender o barco – do qual gostava tanto –
Quantos mares tormentosos havia com ele enfrentado?
Conhecia-o como um cavaleiro conhece o seu cavalo –
Porém vendê-lo – e com o que ele rendesse
comprar bens e mantimentos – estabelecer Annie
com uma venda
De tudo o que precisam os marinheiros e suas mulheres –
Assim pudesse ela sustentar a casa enquanto ele estava fora.
[E porque não comerciar ele mesmo lá longe? Fazer
Esta viagem mais do que uma vez? Sim, duas ou três vezes –
Tantas quantas for preciso – no fim, voltar rico,
Tornar-se mestre de um mais alto ofício,
Com maiores proventos levar uma vida mais fácil,
Ter educados todos os seus pequeninos,
E passar os dias em paz e entre os seus.]

Assim Enoch tudo no seu coração determinou:
Quando regressou a casa, encontrou Annie pálida,
Cuidando do bebé doente, o seu último rebento.
Ela correu para ele com um grito feliz,
E deitou-lhe nos braços o débil infante;
Que Enoch ergueu, sentindo-lhe todos os membros,
Tomou-lhe o peso e acariciou como um pai,
E não teve coragem de revelar os seus intentos
A Annie, senão no dia seguinte, quando lhe contou.

Então, pela primeira vez desde que o anel de ouro de Enoch
entrara no seu dedo, Annie lutou contra a sua vontade:
Não com frontal oposição,
Mas com rodeios vários, com muitas lágrimas,
Com um beijo triste de manhã, à noite repetido
(Certa de que todo o mal resultaria disso)
Rogou-lhe, suplicante, caso ele se preocupasse
Com ela ou com os seus queridos filhos, que não fosse.
E ele, não por sua causa, mas por causa dela,
Dela e dos filhos dela, deixou-a pedir em vão.
Magoado, manteve a sua vontade, e cumpriu-a.

[Enoch partiu com o seu velho amigo do mar,
Comprou a Annie bens e mantimentos, e incumbiu suas mãos
De fornecer a pequena sala virada à rua
Com prateleiras e cantoneira para os bens e mantimentos.
Ao longo de todos os dias, até ao último de Enoch em casa,
Abalaram a formosa cabana, o martelo e o machado,
A verruma e o serrote, enquanto a Annie parecia ouvir
Erguer-se o seu próprio cadafalso,
Até que tudo isto terminou, e dele a cuidadosa mão, –
O espaço era estreito, – tendo tudo arranjado,
Quase com a limpeza e o rigor com que a Natureza põe
A flor sobre a semente, parou; e ele,
Que, se preciso fosse, trabalharia para Annie até à última,
Subindo cansado, pesadamente dormiu até de manhã.]

Enoch enfrentou a manhã da despedida
Com brilho e com coragem. Todos os receios de Annie
eram para ele risíveis.
E, contudo, Enoch, bravo homem temente a Deus,
Inclinou-se, e naquele mistério
Onde o Deus no homem se torna um com o homem em Deus,
Rezou por uma bênção para sua mulher e seus meninos
Qualquer que fosse o seu destino: e então disse
«Annie, com a graça de Deus esta viagem
Ainda irá trazer tempos felizes para todos nós.
[Mantém limpo o teu coração e um fogo limpo para mim,
Pois voltarei, ó rapariga, antes que tu te dês conta.»
Depois, ao de leve embalando o berço do bebé, «e este,
Este lindo, débil, fraco pequenino, –
Não – que eu por isso ainda o amo mais –
Deus o abençoe, ele sentar-se-á nos meus joelhos
E eu contar-lhe-ei histórias de terras estrangeiras,
E fá-lo-ei feliz, quando voltar a casa outra vez.]
Vamos, Annie, vamos, anima-te antes de eu partir.»

Ao ouvi-lo discorrer assim com tal esperança,
Também ela quase teve esperança; mas quando ele virou
A corrente da conversa para coisas mais sérias,
À maneira dos marujos, com sermões toscos
Sobre a providência e a fé no céu,
Ouvia-o ela e não o ouvia; como a rapariga da aldeia,
que assenta o cântaro sob a fonte,
Teimando naquele que costumava enchê-lo por ela,
Ouve e não ouve, e deixa-o extravasar.

Lentamente, disse «Ó Enoch, és tão sensato;
mas apesar de toda a tua sensatez bem o sei eu
Que o teu rosto não mais verei.»
«Pois então,» disse Enoch, «hei-de eu voltar a ver o teu.
Annie, o navio onde vou há-de passar por aqui
(Disse-lhe o dia quando) arranja um óculo de marinheiro,
Procura o meu rosto, e ri-te de todos os teus receios.»

Mas quando o último daqueles momentos chegou,
«Annie, minha rapariga, ânimo, consola-te,
Olha pelas crianças, e até eu voltar
Mantém tudo como deve ser, pois tenho de ir.
E não receies mais por mim; ou se receares
Lança a Deus os teus cuidados; que a âncora aguenta.

Não está ele para além nas mais longínquas
partes da manhã? Se eu parto para lá
Como posso eu dele me afastar? E o mar é dele,
O mar é dele: por ele foi feito.»

Enoch ergueu-se,
Lançou os braços fortes sobre a abatida esposa,
E beijou os pequenos espantados;
Mas o terceiro, o amaleitado, que dormia
Após uma noite de desassossego febril,
Quando Annie estava para levantá-lo, disse Enoch
«Não o acordes; deixa-o dormir; como pode a criança
recordar-se disto?» e beijou-o na sua alcofa.
Annie, da fronte do bebé segou uma madeixa,
e entregou-lha: e esta ele guardou
por todo o porvir; e então, à pressa apanhada
a trouxa, acenou com a mão, e fez-se ao caminho.

Quando o dia por Enoch mencionado chegou,
Ela pediu emprestado um óculo, mas em vão: talvez
Por não ajustar o óculo ao seu olhar;
Talvez pelo olhar estar ofuscado, e trémula a mão;
Ela não o viu: e enquanto ele ficava no convés
Acenando, passaram o navio e o momento.
Até ao último vestígio da vela que desaparecia
Ela olhou, para depois se afastar, chorando por ele;
Mais tarde, ainda que na sua ausência chorasse
como na sua sepultura,
Determinou que a sua triste vontade com a dele
se pusesse de acordo,
Embora não prosperasse no negócio, pois não fora criada
para regatear, nem para compensar a falta
Com a astúcia, nem capaz de mentiras,
Nem de pedir demasiado para conseguir por menos,
E sempre matutando «no que Enoch diria?»
[Pois mais do que uma vez, em dias difíceis
E de pressão, vendera ela as coisas por menos
Do que aquilo que tinha dado ao comprá-las:
Falhara e com tristeza o reconhecia; e assim,
Ansiosa por notícias que nunca chegariam,
Ganhava para os seus um magro sustento,
E ia vivendo numa muda melancolia.]

Ora o terceiro filho, nascido débil,
Mais débil ainda foi crescendo, apesar de a mãe dele cuidar
Com todos os cuidados de uma mãe: no entanto,
Ou porque o negócio a chamava em demasia,
Ou por falta daquilo que mais era preciso,
Ou dos meios para pagar a voz daquele que melhor podia dizer
O que mais era preciso – seja como for,
Após breves momentos – antes que ela o soubesse –
Tal como a ave engaiolada que se escapa de repente,
A pequena alma inocente voou para longe.

Na mesma semana em que Annie o enterrou,
O coração sincero de Philip, que ansiava pela paz dela
(Desde que Enoch partira que para ela não olhara),
Despertou, como se se tivesse ausentado por demasiado tempo,
«Decerto,», disse Philip, «poderei vê-la agora,
Poderei trazer-lhe algum consolo;» e assim foi,
Passou pela sala solitária da frente,
Deteve-se por um momento a uma porta interior,
E depois bateu três vezes, e, ninguém abrindo,
Entrou; Annie, sentada com a sua dor,
Mal regressada do enterro do seu pequenino,
Não queria ver nenhum rosto humano,
E voltou o seu para a parede e chorou.
Então Philip, mantendo-se de pé, balbuciou
«Annie, venho pedir-te um favor.»

[Disse; e dela a paixão num lamento respondeu
«Um favor de alguém tão triste e tão abandonado
Como eu estou!» Meio confundido e sem ser convidado,
a timidez e a ternura em conflito,
Sentou-se à beira dela, dizendo-lhe:]

«Vim para te falar do que ele desejou,
Enoch o teu marido: [Sempre disse
Que de nós ambos escolheste o melhor – um homem forte:
Pois onde fixava o coração deitava a mão
Para fazer aquilo que queria, indo até ao fim.
E por que seguiria ele este penoso caminho,
Deixando-te sozinha? Para ver o mundo –
Por prazer? – não, só para ter os meios
Para dar aos filhos uma melhor infância
Que a dele, ou que a tua: esse foi o seu desejo.
E se ele voltar, vexado ficará
Por ver que foram perdidas as preciosas horas da manhã.
E mesmo no seu túmulo, ficaria vexado
Por saber que os seus meninos andavam a correr selvagens
Como potros pelo ermo. Por isso, Annie, diz-me –
Não nos conhecemos nós toda a vida?]
Peço-te pelo amor que lhe tens,
A ele e aos seus filhos, que não me digas que não –
porque, se assim quiseres, quando Enoch voltar de novo
Pois poderá pagar-me – se assim quiseres,
Annie – que eu estou rico e bem na vida.
Deixa-me pôr o rapaz e a rapariga na escola:
É este o favor que te venho pedir.»

Então Annie, de sobrolho contra a parede,
Respondeu «Eu não posso olhar pra tua cara,
Pareço tão tonta e derrubada.
Assim que entraste, a tristeza derrubou-me;
E agora parece que a tua gentileza ainda mais me derruba;
Enoch ainda é vivo; isso está marcado em mim:
Ele pagar-te-á: o dinheiro pode ser devolvido;
mas não uma gentileza como a tua.»

[Ao que Philip perguntou
«Deixas-me então, Annie?»

Nesse momento, ela voltou-se,
Ergueu-se, e nele fixou os olhos submersos,
E contemplou por um momento o seu rosto gentil,
Abençoou a sua cabeça,
Tomou-lhe a mão, e apertou-a apaixonadamente
Para depois passar ao pequeno pátio por detrás.
E assim, de ânimo erguido, ele retirou-se.]

Então Philip pôs na escola o rapaz e a rapariga,
Comprou-lhes os livros necessários, e por todas as formas,
Como alguém que cumpre pelos seus o seu dever,
Fez-se deles; [embora por causa de Annie,
Temendo o mexerico ocioso do cais,
Muitas vezes negou ao coração o seu maior desejo,
Poucas vezes cruzando a soleira da porta, embora
Mandasse presentes às crianças, especiarias e fruta,
As mais recentes e primeiras rosas do seu muro,
Ou lebres da encosta, e uma ou outra vez,
Sob o pretexto de guarnecer a mesa,
Para evitar a ofensa da esmola, farinha
Do seu alto moinho, que assobiava na encosta agreste.

Contudo, Philip não entrava na cabeça de Annie:
Raras vezes conseguia a mulher, quando ele lhe aparecia,
Com pleno coração e ilimitada gratidão
Iluminar-se numa palavra quebrada para lhe agradecer.
Embora Philip fosse das crianças o mais que tudo;]
Das mais distantes esquinas da rua, corriam eles
Para saudar com paixão a sua apaixonada saudação;
Eram senhores da sua casa e do seu moinho;
Inundavam-lhe os ouvidos com queixinhas
E prazeres, penduravam-se ao seu pescoço,
brincavam com ele
E chamavam-lhe «Pai Philip». Philip ganhava
E Enoch perdia; pois Enoch parecia-lhes
Tão incerto como uma visão ou um sonho,
Vago como uma figura vista de manhã cedo
Ao longe no extremo oposto de uma avenida,
Indo não se sabe aonde: e assim passaram dez anos,

Desde que Enoch deixara o lar e a terra natal,
Sem que de Enoch chegasse qualquer notícia.

Aconteceu que numa tarde quiseram os filhos de Annie
Ir com outros, apanhar frutos no bosque;
E Annie iria com eles; então pediram
Ao Pai Philip (como lhe chamavam) para ir também:
Como a abelha esforçada entre o pólen,
Encontraram-no ocupado no moinho; e tendo-lhe dito
«Vem connosco, Pai Philip» ele escusou-se;
Mas quando insistiram
Ele riu-se, cedendo prontamente ao seu pedido,
Pois não iria Annie com eles?, e assim foram.

Após terem subido até meio da penosa encosta,
Justamente onde a beira inclinada do bosque começa
A inclinação para a ravina, as forças de Annie
Faltaram-lhe; e suspirando, disse «Deixem-me descansar».

Sentado a seu lado, Philip esqueceu
A sua presença, e lembrou-se de uma negra hora
Aqui neste bosque, quando como uma alma ferida
Ele se arrastou para a sombra: por fim disse,
Erguendo a sua honesta fronte, «Escuta, Annie,
O quanto eles estão felizes lá em baixo no bosque.
Estás cansada, Annie?» porque ela não dizia uma palavra.
«Cansada?» e o seu rosto caíra nas suas mãos;

Então Philip, chegando-se um pouco mais próximo, disse:
«Annie, ando com uma coisa na cabeça,
E tem estado na minha cabeça por tanto tempo,
Que apesar de não saber quando nela entrou pela primeira vez,
Sei que acabará por sair. Ai, Annie,
Já está para lá de toda a esperança, contra toda a sorte,
Que aquele que te deixou vai para dez anos
Ainda esteja vivo; pois bem – deixa-me falar:
Sofro por te ver tão pobre e a precisar de ajuda,
Não posso ajudar-te tanto quanto eu pretendia
A não ser que – dizem que as mulheres são tão rápidas –
Talvez saibas já o que quero que saibas –
Quero-te para minha mulher.»

Então Annie respondeu; e ternamente disse:
«Tens sido como o bom anjo de Deus em nossa casa.
Deus te abençoe por isso, Deus te recompense por isso,
Philip, com algo bem mais feliz que eu.
Pode alguém amar duas vezes? Poderás tu vir a ser amado
Como o foi Enoch? Que é isso que me pedes?»
«Ficarei contente» respondeu ele «se for amado
Um pouco menos que Enoch.» «Oh» gritou ela,
Transida de assombro, «querido Philip, espera mais um pouco:
Se Enoch voltar – mas Enoch não volta –
Espera só mais um ano, um ano não é assim tanto:
Serei decerto mais sensata daqui a um ano:
Oh espera só mais um pouco!» Tristemente, disse Philip,
«Annie, tal como esperei toda a minha vida,
Posso esperar mais um pouco.» «Não», gritou ela,
«Comprometo-me: tens a minha promessa – dentro
de um ano:
Será que não podes respeitar o teu ano tal como
eu respeitarei o meu?»
E Philip respondeu: «Eu respeitarei o meu ano.»

E como num instante,
O Outono sucedeu de novo ao Outono,
E ali estava ele uma vez mais perante o seu rosto,
Reclamando dela a promessa feita. «Já passou um ano?»
perguntou ela.
«Já sim, pois se as avelãs», disse ele, «de novo amadureceram:
Anda lá fora e vê.» Porém ela – ela desiludiu-o –
Tantas coisas a tratar – tão grande mudança – um mês –
Ela queria um mês – sabia que estava comprometida –
Um mês – nada mais. Então Philip, com os olhos
Cheios da fome de toda uma vida, e a voz
Tremendo um pouco como a mão de um embriagado,
«Leva o teu tempo, Annie, leva o teu tempo.»
E Annie podia ter chorado, com pena dele.
E, no entanto, ela fê-lo esperar
Com mais do que uma mal remendada escusa,
Pondo à prova a verdade dele e o seu longo sofrimento,
Até que meio ano havia passado.

Nesta altura, os mexericos do porto,
Começaram a esgravatar como numa ferida pessoal.
Alguns pensavam que Philip apenas brincava com ela,
Outros, que ela apenas o afastava para melhor o atrair,
E outros riam dela e de Philip também,
Como gente simples que não conhece o seu próprio pensar,
Gente a que todas as más fantasias, como ovos de serpente,
se agarram,
Para dos dois suspeitarem, rindo, do pior. O próprio filho
Ficava em silêncio, apesar de muitas vezes ele querer agradá-lo;
Enquanto a filha mais e mais lhe pedia que
Se casasse com o homem que era tão caro a todos
E que levantasse a casa da miséria;
E a face rosada de Philip se foi contraindo,
Descuidada e pálida, e todas estas coisas foram sobre ela caindo
Tão graves como a reprimenda.

Por fim, numa noite aconteceu
Que Annie não adormecia, e pedia com fervor
Um sinal «O meu Enoch, já se foi?»
Então, rodeada pela muralha cega da noite,
E sem que no seu coração o terror acalmasse,
Rompeu da cama e acendeu uma luz,
E agarrou com desespero o livro sagrado,
Subitamente o abrindo, à procura de um sinal,
Subitamente colocando um dedo sobre o texto,
«Sob uma palmeira.» E isto não lhe dizia nada:
Não havia nenhum sentido aí: fechou o livro e adormeceu:
Quando, de repente, viu o seu Enoch sentado num alto,
Sob uma palmeira, e sobre ele o sol:
«Foi-se», pensou ela, «está feliz, e canta
Hossana nas alturas, sobre tudo brilha
O sol dos justos, e estas são as palmeiras
Cujos ramos o povo feliz agitou, gritando
"Hossana nas alturas!"» Ao que nisto ela acordou,
Decidida, mandou-o buscar e disse-lhe com fulgor
«Não há razão para que não nos casemos.»
«Então, pelo amor de Deus,» respondeu ele,
«e por nós próprios,
Tu irás casar comigo, e imediatamente.»

E estes dois casaram e alegres soaram os sinos,
Alegres soaram os sinos e estavam casados.
Mas nunca mais com alegria bateu o coração de Annie.
Havia sempre uma pegada a seguir-lhe as pisadas,
De onde, ela não sabia; e um murmúrio ao seu ouvido,
De quê, ela não sabia; e ela não gostava que a deixassem
Só em casa, nem se aventurava só por fora.
Temia tanto o que a aguardava, que a cada regresso
Detinha a mão no ferrolho da porta,
Com medo de entrar: Philip achava que sabia:
Tais dúvidas e medos eram comuns ao seu estado,
Pois esperava um filho: e quando o filho nasceu,
Então o seu filho era como ela renovada,
E a mãe recente retomou o seu coração,
O bom Philip era agora o seu mais-que-tudo,
E aquele misterioso instinto sucumbiu.

Mas onde estava Enoch? Venturosamente navegou
O «Boa Fortuna», mas quando avistou
A Biscaia, rochedos cortantes a estibordo abalaram
O navio e quase o naufragaram, para, de novo, sem danos,
Ele rumar na direcção do Verão do mundo,
[Então, após uma difícil passagem pelo Cabo,
E passagens frequentes do ameno ao alteroso,
Voltou a atravessar o Verão do mundo,
O sopro dos céus chegava sempre
E conduzia-o docemente ao largo das ilhas douradas]

Até ao silêncio do seu refúgio oriental.
[Aí, Enoch fez negócio para si, e comprou
Bizarros monstros para o mercado daqueles tempos
E ainda um dragão dourado, para os bebés.]

Menos afortunada foi a viagem de retorno: no princípio ainda
Atravessaram amenos círculos marinhos, dia após dia,
Com poucos rochedos, e o peito cheio da sua figura de proa
Erguia-se sobre as ondas que nasciam da sua vante:
Depois seguiram-se calmarias, e a seguir ventos, variáveis,
E a seguir difíceis, em grande quantidade, e por fim
Uma tempestade tal que o arrastou por baixo de céus sem lua
Até que chegou, sob os gritos de «Rochedo!»,
O choque da ruína, e a perda de tudo
Menos de Enoch e de mais dois. Metade da noite
A flutuar por entre os destroços à tona e os despojos
quebrados,
Acabaram por dar à costa de uma ilha, numa manhã,
Afortunados, mas os mais solitários num mar solitário.

[Não havia falta de sustento humano,
Fruta tenra, cocos fortes, e raízes que nutriam;
Nem, salvo por piedade, era difícil tirar
A vida desprotegida, tão selvagem que era mansa.]
Aí, na garganta de uma montanha de onde se via o mar
Construíram e cobriram com ramos de palma uma cabana,
Meio cabana, meio caverna nativa. Até que os três,
Postos neste Éden de plena abundância,
Habitaram este eterno Verão, malcontentes.

Pois um deles, pouco mais do que um rapaz,
Ferido naquela noite de súbita ruína e de naufrágio,
Quedou-se durante cinco anos numa morte em vida.
Eles não podiam abandoná-lo. Quando ele se foi,
Os dois restantes acharam um ramo quebrado,
E o camarada de Enoch, descuidado de si,
Ao abri-lo pelo fogo, à maneira indiana, caiu
Abrasado pelo sol, e aqueloutro ficou sozinho.

E naquelas duas mortes ele via o aviso de Deus
«Espera».
A montanha, frondosa até ao cume, as planícies relvadas
E as clareiras ventosas bem lá em cima, como caminhos
para o céu,
Do esbelto coqueiro a coroa tombada de plumas,
O relâmpago breve de insectos e de aves,
O brilho das longas dedaleiras,
Que se enroscavam em torno dos troncos majestosos,
e corriam
Até ao limite da terra firme, o esplendor
E a glória da larga cintura do mundo,
Tudo isto ele viu: mas o que ele gostaria de ter visto
Ele não podia ver, a gentil face humana,
Nem nunca mais ouvira uma voz amável, mas antes
A miríade do ranger das aves marinhas,
O extenso ribombar das vagas no recife,
O sussurro comovente das altas árvores que abanavam,
E floriam no zénite, ou o fluir
De algum súbito ribeiro para o mar,
Enquanto ele corria a praia, ou durante todo o dia,
Sentado na ravina sobre o mar,
Marinheiro naufragado à espera de um navio:
Nenhum navio dia após dia, mas em cada dia
As lanças escarlates do sol nascente,
Furando as palmeiras e as heras e os precipícios,
O ardor sobre as águas a leste,
O ardor sobre a sua ilha, bem por cima,
O ardor sobre as águas a oeste,
E depois as grandes estrelas que despontavam no céu,
E o seu brilho sobre o mar, e de novo
As lanças escarlates da alvorada – mas nenhuma vela.

E aí, muitas vezes, enquanto ele observava, ou fingia observar,
O lagarto dourado aí parado,
Um fantasma feito de muitos fantasmas agitava-se
Diante dele, assombrando-o, ou ele próprio se agitava,
Assombrando as pessoas, as coisas e os lugares conhecidos
Lá longe, numa ilha escura para além do horizonte,
Os meninos, a sua menina, Annie, a pequena casa,
A rua que sobe, o moinho, as folhas pelos caminhos,
O teixo em forma de pavão, e o Casarão solitário,
O cavalo que ele montou, o barco que vendeu,
as frias madrugadas
De Novembro, e a morrinha húmida,
O suave aguaceiro, o cheiro a folhas mortas,
E o ranger baixinho de mares cor de chumbo.

Certa vez, e do mesmo modo, ao besouro dos seus ouvidos,
Ainda que apagado, mas feliz – muito, muito ao longe –
Chegou o dobrar dos sinos da paróquia.
Então, e sem saber porquê, abriu-se em convulsões,
E quando a detestável bela ilha
Regressou, se o seu pobre coração não tivesse falado
Com aquele que, estando em toda a parte,
Nunca deixa só aquele que com ele fala,
Por certo aquele homem teria morrido de solidão.

E assim foi que sobre a cabeça precocemente prateada de Enoch
Se sucederam as estações da chuva e do sol,
Ano após ano. A esperança de ver os seus,
E de cruzar os velhos campos familiares,
Ainda não se tinham extinguido, quando a sua solitária maldição
Chegou subitamente ao fim. Um outro navio
(Que procurava água), soprado por ventos intrigantes,
Tal como o «Boa Fortuna», para fora da programada rota,
Acercou-se da ilha (...)
Foi enviada uma expedição que, desembarcada, irrompeu
Em busca de corrente ou fonte, enchendo a praia
De clamor. Descendo da sua montanha,
Veio o solitário de longos cabelos e longa barba,
Castanho, já mal parecendo humano, estranhamente ajambrado,
Murmurando e rezingando, quase como um idiota,
Com uma raiva mal articulada, e a fazer sinais
Sem que eles soubessem porquê: e, no entanto,
ele abria o caminho
Até ao sítio onde corriam os ribeiros de água doce,
E à medida que se ia dando com a tripulação,
Ouvindo-os falar, a sua língua, há muito presa,
foi-se soltando, até que lhes deu a conhecer
Quem tinham eles trazido a bordo;
E foi contando a sua história, entrecortada,
Sob suspeita no início, mas depois, pouco a pouco,
Espantando e derretendo aqueles que a ouviam;
E roupas lhe foram dadas e livre trânsito até casa;
Mas muitas vezes ele trabalhava com os outros, afastando de si
Aquele isolamento. Nenhum daqueles
Era da sua terra, e não saberiam responder,
se lhes perguntasse aquilo que ele tanto queria saber.
E foi ronceira a viagem, e com muitos atrasos,
O navio mal preparado para se fazer ao mar; e mais ainda
Fugia a sua fantasia à frente do vento ocioso
De regresso, até que, sob uma lua encoberta,
Ele, como um amante através de todo o seu sangue,
Respirou o fôlego da manhã, da neblina, da charneca,
Da Inglaterra, que soprava ao longo da sua muralha fantasma:
E naquela mesma manhã, oficiais e homens
Fizeram uma amável recolha entre eles,
Apiedando-se daquele homem só, e deram-lha;
E subindo a costa, desembarcaram-no,
Naquele mesmo porto de onde tinha partido.

Aí chegado, Enoch não disse uma palavra a ninguém,
E dirigiu-se para casa – casa, mas que casa?
Ele ainda tinha uma casa?
A tarde estava soalheira,
Luminosa mas fria, até que, trazida através do abismo,
Abrigada desde as profundezas,
Chegou rolando a neblina do mar, escudando
todo o mundo no cinzento.
Quanto mais crescia a névoa, tanto mais sentia a mágoa,

Até que, por fim, a luz, difusa pelo nevoeiro,
O encontrou, quando ele chegou ao lugar.

Mas por não encontrar nem luz nem murmúrio
(Um fiapo de luz brilhava através da morrinha)
Foi-se abaixo pensando «Mortos ou mortos para mim!»

E foi descendo para a lagoa e o cais estreito,
À procura de uma taberna que há muito conhecia
A frontaria de velha crosta de madeira,
Tão estragada e carcomida, tão arruinada de velha,
Que ele pensou que já não existia; mas só não existia
O velho dono, pois a sua viúva, Miriam Lane,
Com lucros a cada dia mais minguados, mantinha a casa.
Aí ficou Enoch, em silêncio por muitos dias.

Mas Miriam Lane era boa e tagarela,
Não o deixando ficar sozinho, amiúde irrompendo,
Para lhe contar, entre outros anais do porto,
Sem o conhecer – Enoch estava tão moreno, tão prostrado,
Tão quebrado – toda a história da sua casa.
A morte do seu menino, a pobreza crescente,
Como Philip pôs os pequenos na escola,
E nela os manteve, a sua longa corte,
O lento consentimento, e o casamento, e o nascimento
Do filho de Philip: e sobre o seu semblante
Não passou uma sombra, um esgar: qualquer um,
Olhando a cena, diria que ele sentia o relato
Bem menos que a relatora: somente quando ela rematou
«Enoch, o pobre homem, naufragou e perdeu-se»
Ele, abanando pateticamente a sua cabeça grisalha,
Repetiu, murmurando «naufragou e perdeu-se»:
E de novo, num murmúrio ainda mais fundo, «perdeu-se».

Mas Enoch queria ver de novo o seu rosto;
«Se eu pudesse voltar a ver aquele rosto
E saber que ela é feliz.» E este pensamento
Assaltava-o e atormentava-o, até o conduzir,
Numa tarde em que um triste dia de Novembro
Via crescer um ainda mais triste crepúsculo, à colina.
[Aí ficou sentado, admirando a vista abaixo.
E aí mil recordações o visitaram,
Indizíveis de tristeza. Cada vez mais
O quadrado encarnado de luz confortável,
Incandescente ao longe, nas traseiras da casa de Philip,
O atraía, como a chama do farol atrai
A ave passageira, até que ela investe sobre o fogo,
E extingue a sua vida de canseira.]

Pois o domínio de Philip sobressaía na rua,
A mais recente casa do terreno, mas por detrás,
Com um pequeno portão que dava para o campo,
Florescia um pequeno jardim, quadrado e murado,
E nele crescia uma velha árvore,
Um teixo, e à sua volta corria um caminho
De gravilha, e um caminho a dividi-lo:
Mas Enoch evitou o caminho do meio e correu
Ao longo do muro, por detrás do teixo; e daí
Aquilo que melhor fora ele não ter visto, porque magoa,
Enoch viu.

Os pratos e a prata no armário envernizado
Brilhavam e luziam, tão pródiga era a chama:
E à direita da lareira ele viu
Philip, o frágil pretendente de outros tempos,
Esbelto, rosado, com o seu bebé sobre os joelhos,
E sobre o seu segundo pai debruçava-se uma menina,
Uma segunda e maior Annie Lee,
De cabelo claro e alta, e da sua mão erguida
Suspendia-se um pedaço de fio e um anel
Para tentar o bebé, que estendia os braços enrugados,
Alcançando, mas perdendo de novo, e ambos riam,
E à esquerda da lareira ele viu
A mãe que olhava amiúde para o bebé,
Mas que se voltava uma e outra vez para falar com ele,
O seu filho, que estava a seu lado, alto e forte,
Dizendo-lhe algo que lhe agradava, pois ele sorria.

Quando o homem morto à vida regressado contemplou
A sua esposa, não mais a sua esposa, e viu o seu bebé,
Dela, porém não dele, sobre o colo do pai,
E todo o calor, a paz, a felicidade,
E os seus próprios filhos, altos e belos,
E ele, aquele outro, reinando no seu lugar,
Senhor dos seus direitos e do amor dos seus filhos, –
Então ele, apesar de Miriam Lane já tudo lhe ter dito,
Porque as coisas vistas são mais poderosas
que as coisas escutadas,
Estremeceu e vacilou, agarrando o ramo, e temeu
Lançar um grito terrível e lancinante,
Que nesse preciso momento, como o choque da desgraça,
Estilhaçasse toda a felicidade do lar.

Então, saindo furtivo como um ladrão,
Para que a dura gravilha não soasse sob os seus pés,
Encostando-se ao longo do muro do jardim,
Para que não desfalecesse e tropeçasse e fosse descoberto,
Foi sorrateiro até ao portão, e abriu-o, e fechou-o atrás de si,
Tão ao de leve como no quarto de um doente,
e saiu para o campo.

E aí se teria ajoelhado, mas tão fracos estavam
Os joelhos, que caiu por terra, e cravando
Os dedos na terra húmida, rezou.

«Isto é demais! Por que me trouxeram até aqui?
Ó Deus todo-poderoso, bendito salvador, tu
Que me amparaste na minha ilha solitária,
Ampara-me agora, Pai, só mais um pouco
Na minha solidão! Ajuda-me, dá-me forças
Para não lhe contar, nunca deixar que saiba.
Ajuda-me a não interromper a sua paz.
E os meus filhos também! Não poderei falar com eles?
Eles não me conhecem. Iria trair-me.
Nunca: não haverá beijos de pai para mim – a rapariga,
Tão igual à mãe, e o rapaz, o meu filho.»

E aí a fala e o pensamento e a natureza falharam um pouco,
E ele ficou em transe, mas quando se ergueu e se apressou
De volta à sua casa solitária,
Ao longo da longa e estreita rua,
Repetindo na sua mente exausta,
Como se fosse o refrão de uma canção
«Não lhe contar, nunca deixar que saiba.
Não lhe contar, nunca deixar que saiba.
Não lhe contar, nunca deixar que saiba.»

Ele não era completamente infeliz. A sua resolução
Amparava-o, e a fé firme, uma permanente
Oração vinda de uma fonte viva por dentro da vontade,
Defrontando todo o amargo mundo,
Como fontes de água doce no mar,
Mantinha-lhe a alma viva. «A mulher daquele moleiro»,
Disse para Miriam, «de que me falaste,
Ela não teme que o seu primeiro marido ainda esteja vivo?»
«Ai, ai, pobre criatura», disse Miriam, «claro que sim!»
«Se lhe pudesses dizer que o tinhas visto morto,
Ora, isso seria o seu consolo;» e ele pensou
«Depois de o Senhor me ter chamado, ela saberá,
Esperarei pelo seu tempo.» E Enoch decidiu-se,
Para evitar a esmola, a trabalhar para viver.
No entanto, porque trabalhava apenas para si próprio,
Um trabalho sem esperança, não havia nele vida
Para que o homem pudesse viver.
Um langor sobreveio sobre ele, uma suave maleita,
que gradualmente
Foi enfraquecendo o homem, até não poder mais
Senão manter a casa, a sua cadeira, e por fim a sua cama.
Ele chamou Miriam Lane e disse-lhe
«Mulher, eu tenho um segredo – mas tens de jurar,

Antes de to contar – de jurar sobre a Bíblia,
Que não irás revelá-lo, até me vires morto.»
«Morto,» exclamou a boa mulher, «deixem-no falar!»
«Garanto-lhe, homem, que isto vai passar.»
«Jura», acrescentou Enoch com firmeza, «sobre a Bíblia.»
E sobre a Bíblia, meio assustada, Miriam jurou.
Então, Enoch, rolando os olhos cinzentos para ela,
«Conheceste Enoch Arden desta terra?»
«Se o conheci?» respondeu, «Conheci-o de longe.
Lembro-me de o ver, descendo a rua,
De cabeça levantada e sem querer saber de ninguém.»
Devagar e tristemente, Enoch respondeu-lhe,
«A sua cabeça está inclinada e ninguém quer saber dele.
Creio que não terei mais de três dias de vida;
Eu sou esse homem.» Ao que a mulher
Soltou um grito, meio incrédulo, meio histérico.
«Tu, Arden, tu? Não – ele era bem mais alto
Do que tu.» Enoch repetiu
«O meu Deus vergou-me até àquilo que sou hoje.
A minha dor e a solidão quebraram-me.
No entanto, quero que saibas que eu sou ele,
Aquele que casou com – mas esse nome já mudou duas vezes –
Eu casei com aquela que casou com Philip Ray.
Senta-te e escuta.» E então contou-lhe da sua viagem,
Do naufrágio, da sua vida solitária, do seu regresso,
Da sua visita a Annie, da sua resolução,
E de como a cumpriu. À medida que a mulher ia escutando,
Soltava-se o rápido curso das suas lágrimas fáceis,
Enquanto no seu peito ela sentia incessantemente
O desejo de correr pelo pequeno porto,
Anunciando Enoch Arden e o seu infortúnio,
Mas assombrada e travada pela promessa, soube refrear-se
Dizendo apenas «Tens de ver os teus antes de partires!
Deixa-me ir buscá-los, Arden.» E levantou-se,
Ansiosa por ir buscá-los, pois Enoch quedou-se
Por um momento com as suas palavras, mas depois replicou:

«Mulher, não me perturbes agora no fim,
E deixa-me manter o meu propósito até morrer.
Volta a sentar-te, presta atenção e vê se entendes,
Enquanto tenho força para falar. Encarrego-te,
Quando a fores ver, de lhe dizer que morri
A abençoá-la, rezando por ela, amando-a.
Com a excepção da barreira entre nós, amando-a
Tanto como quando ela encostava a sua cabeça à minha.
E diz à minha filha Annie, a quem eu vi
Tão parecida com a mãe, que o meu último fôlego
Foi para a abençoar e para rezar por ela.
E diz ao meu filho que morri, abençoando-o.
E diz a Philip que também o abençoo.
Ele nunca nos quis senão bem.
E se os meus filhos quiserem ver-me morto,
Eles que mal me conheceram vivo, deixa-os vir,
Sou o seu pai. Mas não deixes que ela venha,
Pois o meu rosto morto ficaria a inquietar a sua vida eterna.
E agora há um só do meu próprio sangue
Que me irá acolher no mundo que está para vir:
Este cabelo é seu: ela cortou-o e deu-mo,
E eu trouxe-o comigo durante todos estes anos.
E pensava levá-lo comigo para o túmulo.
Mas agora mudei de ideias, pois irei vê-lo,
O meu bebé encantado: e, portanto, quando eu tiver partido,
Toma, dá-lhe isto, pois irá confortá-la:
Irá ser mais um sinal para ela
De que eu sou ele.»

Então, na terceira noite depois desta,
Enquanto Enoch dormia,
Do mar chegou um chamamento tão grande
que todas as casas do porto rangeram.
Ele acordou e levantou-se, erguendo os braços para o exterior,
Bradando com forte voz «Uma vela! Uma vela!
Estou salvo», e, caindo para trás, não voltou
a dizer uma palavra.

E assim se foi esta alma forte e heroica.
E quando o enterraram, poucas vezes
O pequeno porto vira um funeral que tanto custasse.